

METODOLOGIA ABC - AUDIOVISUAL, BOLA E CÂMERA: FERRAMENTAS ALFABETIZADORAS EM HABILIDADES SOCIAIS

Mônica Saraiva da Silva¹ e Sebastián Acevedo Vásquez²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar como as ferramentas Audiovisual, Bola e Câmera podem ser fontes alfabetizadoras, em habilidades sociais, para crianças, adolescentes e adultos, em ambientes educacionais, esportivos, culturais, corporativos e sociais. A união desses três elementos de acesso universal permite que cada pessoa conecte corpo e mente, treine em liberdade, desenvolva seus olhares crítico e criativo, identifique emoções, elabore raciocínios e tome decisões. Pensadoras e pensadores como o ambientalista Ailton Krenak, a professora Antonieta de Barros, a filósofa Djamila Ribeiro, a “ameficana” Lélia Gonzalez e o patrono da educação Paulo Freire, que expressam e comunicam importantes temas da sociedade – como educação popular; alfabetização libertadora; prevenção ao racismo estrutural; e meio ambiente sob a ótica ancestral – compõem a equipe que inspira as ideias aqui colocadas.

Palavras-chave: Audiovisual. Bola. Câmera. Educação. Direitos humanos. Gondwana.

ABSTRACT

This article aims to present how the Audiovisual, Ball and Camera tools can be sources of literacy in social skills for children, adolescents and adults in educational, sports, cultural, corporate and social environments. The union of these three universally accessible elements allows each person to connect body and mind, to train in freedom, to develop critical and creative looks, to identify emotions, to elaborate reasoning and to make decisions. Thinkers such as environmentalist Ailton Krenak, professor Antonieta de Barros, philosopher Djamila Ribeiro, “ameficana” Lélia Gonzalez and the patron of education Paulo Freire, whom express and communicate important themes in society – such as popular

1 Formada em Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Nove de Julho (Uninove). Jornalista, fotógrafa, educadora, mentora e diretora do documentário pedagógico *Gondwana, A Bola Conecta*. E-mail: monica.gondwana@gmail.com.

2 Chileno, formado em Licenciatura em Ciências Jurídicas e Sociais (Direito) na Universidad de Chile. Diretor de Cultura e Ecossistemas do Laboratório de Inovação Esportiva SportsCoLab Latinoamérica. Professor universitário, educador social. E-mail: seba.3@sportscolab.co.

education; liberating literacy; prevention of structural racism; and the environment from an ancestral perspective – form the team that inspires the ideas here exposed.

Keywords: Audiovisual. Ball. Camera. Education. Human rights. Gondwana.

INTRODUÇÃO

Nosso presente está cheio de passado: às origens

O audiovisual, a bola e a câmera podem jogar no mesmo time: o da educação. Isso se dá quando existem processos pedagógicos intencionadamente orientados para criar contextos de aprendizagens que permitam: o desenvolvimento de habilidades para a vida; a produção e a transferência de conhecimentos de forma participativa; a conexão entre pessoas; a colaboração em diversidade; e a elaboração de pontos de vista que visem construir a próxima jogada. Essa próxima jogada, no caso, é empoderar os territórios do Sul Global por meio do uso de narrativas impulsionadoras do talento que nasce, cresce e se reproduz dentro de tal grupo de países.

Neste texto, será apresentado o caminho percorrido pela dupla latino-americana Mônica Saraiva, jornalista, fotógrafa, educomunicadora e documentarista brasileira; e Sebastián Acevedo Vásquez, educador social chileno, ex-atleta (futebol, futsal e *freestyle*) e formado em Direito, para oferecer a Metodologia ABC - Audiovisual, Bola, Câmera® (em permanente atualização) como uma prática pedagógica inovadora que permita contribuir com as soluções para os desafios concernentes às educação brasileira, latino-americana e dos territórios do Sul Global. Para tanto, a Metodologia ABC usa ferramentas de acesso universal e criativamente intencionadas, visando fortalecer narrativas críticas e decoloniais dentro dos processos de ensino-treino-aprendizagem³.

Este artigo traz também uma série de reflexões de uma equipe de pensadoras e pensadores que entram em quadra para dinamizar a discussão sobre a importância de repensar nosso papel no mundo. Com humildade, o presente texto propõe um recurso pedagógico que incentiva a experimentação e apropriação, o uso responsável e consciente das tecnologias e o exercício de memória histórica das pessoas que fazem parte dos territórios em que tal recurso foi aplicado.

³ O conceito de ensino-treino-aprendizagem é uma adaptação do processo de ensino-aprendizagem desenvolvido por Paulo Freire e outras referências, incorporando o treinamento para aplicar os aprendizados na prática, de forma permanente. O treino não é só repetir; é o trabalho da tomada de decisões de forma consciente.

A BOLA É UMA LÍNGUA, E A CÂMERA TEM A MAGIA DE ETERNIZAR HISTÓRIAS

Mônica e Sebastián se conheceram no Festival de Cinema de Futebol (CINEfoot) São Paulo 2019, no Museu do Futebol (Estádio do Pacaembu), na capital paulista. Apesar das barreiras linguísticas, formaram uma conexão entre Brasil e Chile. Mônica, assessora de imprensa do Museu à época, recebeu de Sebastián um acervo sobre Pelé, que foi encaminhado ao Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB). Sebastián, então, retornou ao Chile; ele e Mônica, via videoconferências, conversavam diariamente, inspirando o nascimento de um projeto que pretendia visibilizar histórias invisibilizadas usando futebol e fotografia. A pandemia de 2020 não impediu o progresso do objetivo da dupla. Em agosto de 2020, Sebastián viajou ao Brasil para atuar presencialmente nesse planejamento.

Valorizar as origens, libertar-se do colonialismo e criar narrativas que questionassem o modelo vigente eram alguns dos objetivos do projeto de Mônica e Sebastián, que buscavam também inspiração no que versam Humberto Maturana e Francisco Varela:

A libertação do ser humano está no encontro profundo de sua natureza consciente consigo mesma. *Contientia ens sociale* (a consciência em um ser social); não podemos, por isso, chegar a esse encontro pela via da guerra, em qualquer das suas múltiplas dimensões. O caminho da liberdade é a criação de circunstâncias que libertem no ser social seus profundos impulsos de solidariedade para com qualquer ser humano. Se pudéssemos recuperar para a sociedade humana a natural confiança das crianças nos adultos, essa seria a maior conquista da inteligência, operando no amor, jamais imaginada. (Maturana;Varela, 1995, p. 26-27).

Assim nasceu o projeto pedagógico Gondwana F&C (Futebol & Cultura), que tem o propósito de conectar a América Latina e a África, contribuindo para o desenvolvimento das ciências ao estudar fenômenos geológicos, sociais, culturais e históricos, utilizando a bola e a câmera como tecnologias que promovem o treinamento de habilidades para a vida.

Figura 1



1. Ano 2020: Logomarca ilustrada pelo artista chileno Sebastián Rivas. Representa o supercontinente Gondwana e uma bola de futebol com diversas cores.

2. Ano 2024: Atualização feita pelo mesmo artista, representando a silhueta do supercontinente Gondwana e a divisão das massas territoriais, utilizando as cores vermelho, amarelo, verde e azul e incorporando a ® de marca registrada.

GONDWANA: CONEXÃO ENTRE GEOLOGIA, FUTEBOL E CULTURA

Para os efeitos de entender geologicamente o que representa Gondwana para a ciência, as professoras Renata da Silva Schmitt e Evânia Alves da Silva, do Centro Digital de Geoprocessamento do Gondwana (CDGG), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entregam uma resposta:

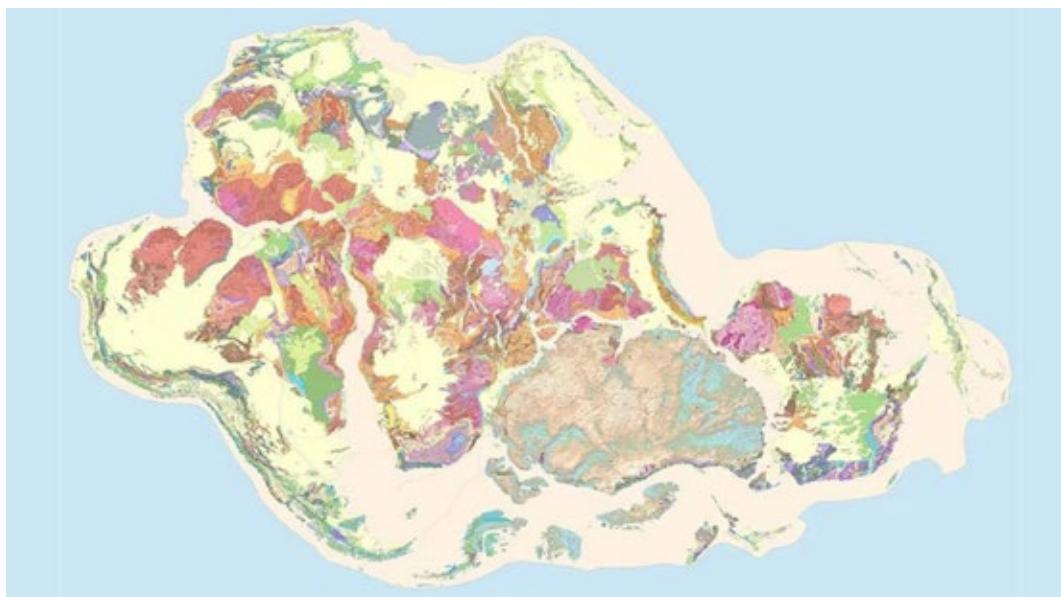
Gondwana foi um supercontinente que existiu entre 550 e 100 milhões de anos atrás. Ele foi “super” por dois motivos: reuniu 65% das massas continentais, incluindo América do Sul, África, Austrália, Antártica e Índia; e durou mais de 350 milhões de anos (do Cambriano ao Cretáceo, entre 500 e 80 milhões de anos atrás), uma raridade na existência de grandes massas continentais.

Para ter uma ideia, Pangeia durou menos de 70 milhões de anos – entre o Permiano e o Triássico, de 270 a 200 milhões de anos atrás.

Gondwana presenciou o intervalo de tempo em que a vida na Terra sofreu uma grande diversificação (desde microrganismos marinhos até dinossauros) nos seus 350 milhões de anos de existência. Foi neste período que os animais e plantas começaram a ocupar as terras continentais, porque até então o ambiente terrestre era estéril.

Investigar a história e evolução do supercontinente é crucial para entender o passado, presente e futuro do planeta (Schmitt; Alves, 2022).

Figura 2



Novo mapa geológico do Gondwana gerado pela equipe do Centro Digital de Geoprocessamento do Gondwana do Departamento de Geologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CDGG/UFRJ). (Schmitt e Silva/Reprodução)

Nesse sentido, a história do supercontinente Gondwana reforça o compromisso de fazer surgirem novas narrativas – desta vez, sob a ótica do Sul Global – expressão que se refere a países principalmente localizados no hemisfério sul, que possuem características compartilhadas e normalmente associadas a nações emergentes ou em desenvolvimento.

Assim, o nome escolhido por Mônica e Sebastián para o projeto representa um ponto de encontro entre as culturas latino-americana e africana (e o Sul Global), com o propósito de mostrar essa relação por meio de narrativas criativas, críticas e decoloniais. O objetivo também é contribuir para solucionar os desafios da educação popular nesses territórios e empoderar as pessoas de tais regiões, com base nos talentos que nascem nesses locais.

Conectando o mundo do audiovisual, o poder da bola, a magia da câmera e a arte de contar histórias, Gondwana F&C utiliza esses elementos para realizar vivências e compartilhar conhecimentos, visando promover uma sociedade diversa, inclusiva, resiliente e multicultural.

VIAGEM POR PONTOS GEOLÓGICOS E CULTURAIS ENTRE AMÉRICA DO SUL E ÁFRICA: BAHIA E PERNAMBUCO

Em novembro de 2020, Mônica e Sebastián roteirizaram uma viagem de 15 dias por lugares de Salvador, capital da Bahia; e Olinda, Recife e Lagoa do Carro, no Estado de Pernambuco – são regiões que têm relação geológica e cultural tanto com a América do Sul, como com a África. A dupla colocou os sonhos na mochila, a bola no pé, a câmera na mão e se

jogou no mundo. De tudo fizeram para registrar o futebol (em suas distintas expressões), capturando interações sociais e manifestações culturais populares – incluindo artes, comidas, danças e músicas – nos diferentes lugares que visitaram (praias, campos, quadras, quilombos, periferias, centros históricos etc.). Tudo com câmera de celular e microfone de lapela, já que nem Mônica, nem Sebastián tinham dinheiro para comprar equipamentos sofisticados. Então, se adequaram à tecnologia que tinham, naquele momento, disponível em suas mãos.

Figuras 3 - Mônica gravando, pelo celular, um pescador no Rio Vermelho (Salvador/BA) para o documentário *Gondwana, A Bola Conecta* (2021).



Créditos: Sebastián/Gondwana F&C.

Figura 4 - Sebastián brincando com um artesanato em formato de bola, dentro de uma loja de artesanato em Lagoa do Carro (Pernambuco).



Créditos: Mônica/Gondwana F&C.

Após um ano de estudos e pesquisas, esses conteúdos (todos gravados pelo celular) se transformaram num documentário independente, lançado em 2021, montado e editado pelo documentarista Cristiano Fukuyama⁴. O processo de direção foi liderado pela própria Mônica, e a produção e o roteiro foram feitos em parceria com Sebastián.

O documentário foi intitulado de *Gondwana, A Bola Conecta*⁵, nome que tem o propósito de evidenciar a possibilidade de se usar o futebol como contribuição para o desenvolvimento das ciências. Para isso, *Gondwana, A Bola Conecta* se debruça sobre fenômenos geológicos, históricos, sociais e culturais que explicam a relação entre Brasil e África.

Foi nesse processo que a equipe Gondwana F&C entendeu sobre a importância de trazer o Audiovisual, como ferramenta pedagógica, para dentro da sala de aula, encorajando crianças e adolescentes a usar o celular como fonte criativa para contar histórias, e também compartilhando os saberes acerca desse âmbito com as professoras e professores de distintas matérias.

A PROPOSTA PEDAGÓGICA

Mônica e Sebastián moraram por sete meses em Pernambuco, aprendendo sobre a cultura local e também sobre a vida e obra de Paulo Freire. Segundo Freire, a pedagogia que elimina pela raiz as relações autoritárias é aquela na qual não há “escola” nem “professor”, e sim círculos de cultura mediados por um coordenador, cuja tarefa essencial é o diálogo (Freire, 1967, p. 26). O educador ainda completa:

O ponto de partida para o trabalho no círculo de cultura está em assumir a liberdade e a crítica como o modo de ser do homem. E o aprendizado (extremamente rápido, pois não são necessários mais de 30 dias para alfabetizar um adulto segundo a experiência brasileira) só pode efetivar-se no contexto livre e crítico das relações que se estabelecem entre os educandos, e entre estes e o coordenador (Freire, p. 7, 1967).

⁴ Profissional graduado em Fotografia, pós-graduado em Criação Publicitária e com formação em Filmmaking na New York Film Academy e em Edição para Cinema no Latin American Film Institute. Vasta trajetória em criação de vídeos institucionais e de documentários, entre eles os premiados no Festival CINEfoot Ivair - *O princípio do Futebol; Eu, Jogadora; e NUNES FC*. Em 2021, produziu vídeos para grandes clientes, como o Museu do Futebol e o Museu da Língua Portuguesa.

⁵ *Gondwana, A Bola Conecta*. Direção: Mônica Saraiva da Silva. Gondwana Comunicações, Brasil, 2021. Disponível em: <https://abolaconecta.com.br>.

Com base nessa ideia e por meio das ferramentas pedagógicas de audiovisual, bola e câmera, Mônica e Sebastián propuseram vivências, rodas de diálogos, trocas de passes e círculos de cultura em projetos sociais, culturais, escolas e times de base; o objetivo era desenvolver habilidades alfabetizadoras individuais e coletivas.

Figura 5 - Matéria do jornal Folha de Pernambuco, escrita pelo jornalista Raoni Nunes, sobre a atividade de Gondwana F&C com estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Nilo Pereira (Casa Amarela, Recife), publicada em 2022. A atividade aconteceu em parceria com a organização sem fins lucrativos (ONG) G10 Favelas.

FOLHA de PERNAMBUCO

A-
A+
FUTEBOL

Criadores do projeto Gondwana promovem ação envolvendo futebol e cultura em escola da rede pública

A paulistana Mônica da Silva e o chileno Seba Acevedo estiveram na Escola Municipal Nilo Pereira

Por Raoni Nunes
20/04/22 às 17h52 Minul (846) em 20/04/22 às 18h09

Compartilhar
Imprimir
Enviar para e-mail
Enviar para WhatsApp
Enviar para Telegram
Enviar para Facebook
Enviar para Twitter

ouça este conteúdo
realme.ai



Momento da palestra promovida pelos criadores do Gondwana - Foto: G10 Favelas/Pernambuco

Créditos da foto: Fausto Filho/G10 Favelas.

Tal processo conferiu, à dupla, a oportunidade de perceber o quanto as escolas públicas, municipais e particulares têm corpos docentes engajados em fazer dessas escolas não uma experiência autoritária para seus alunos, e sim um espaço de livre expressão. Mônica e Sebastián perceberam também, na esteira disso, que essas instituições de ensino são ambientes nos quais existe a intenção não só de promover a conscientização dentro dos processos alfabetizadores, como também de estabelecer uma educação mais respeitosa – considerando tanto as pessoas em si, quanto os contextos em que cada uma está inserida.

Além disso, Mônica e Sebastián entenderam que, considerando o tempo transcorrido entre a publicação da literatura de Freire e os dias atuais, é possível adaptar, aos novos contextos vigentes, as ferramentas que são utilizadas na elaboração de desafios alfabetizadores. Foi justamente por essa razão que entraram em jogo o Audiovisual, a Bola e a Câmera nos processos coletivos de ensino-treino-aprendizagem propostos por Gondwana F&C dentro dos territórios, levando em conta diferentes culturas e faixas etárias.

Figura 6 - Exibição do documentário *Gondwana, A Bola Conecta* na Escolinha Sonhando Alto (Cabaceiras, Roliúde Nordestina, Paraíba), em 2022.



Créditos: Mônica/Gondwana F&C.

Figura 7 - Oficinas com bola e câmera no Senac Lapa Scipião (São Paulo/SP), em 2022.



Créditos: Mônica/Gondwana F&C.

Figura 8 - Roda de diálogos após a exibição do documentário *Gondwana, A Bola Conecta*, na EMEF Monteiro Lobato, no bairro de Pirituba, em São Paulo (SP), em 2022.

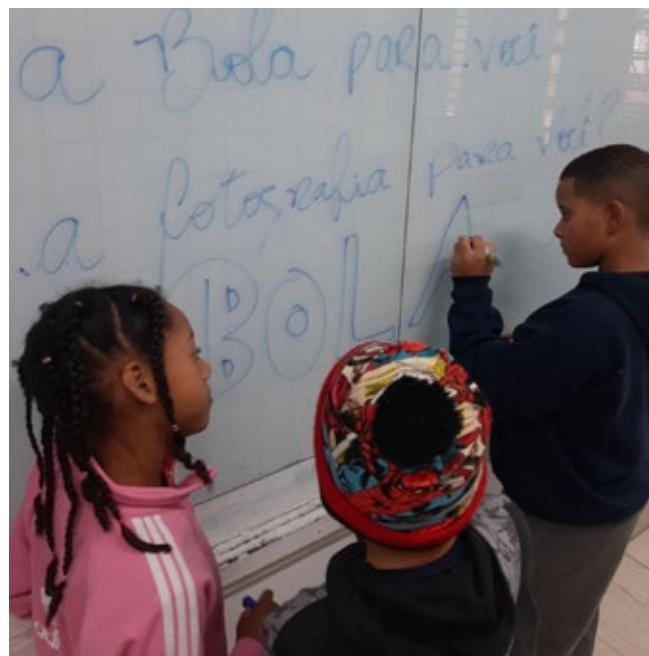


Créditos: Sebastián/Gondwana F&C.

Gondwana F&C realizou, em 2022, uma viagem pela Paraíba, visitando o Quilombo Ipiranga, além de Campina Grande, Cabaceiras e outras cidades desse estado. O objetivo era provar a viabilidade de implementação da metodologia descrita anteriormente, que, até então, ainda era embrionária. Foi nesse momento que o time identificou que a proposta era, de fato, bem recebida em diferentes espaços. Assim, foi tomada uma decisão estratégica e financeira de voltar a São Paulo. Dessa vez, Gondwana F&C atuou em escolas municipais, no Serviço Social do Comércio (SESC), no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), nos Centros Educacionais Unificados (CEUs) Luiz Gama e Paz, no Museu do Futebol, entre outros espaços.

Dessa forma, surgiu o que Gondwana F&C denominou de Metodologia ABC - Audiovisual, Bola e Câmera. É um método que tem o propósito de criar contextos de aprendizagens para desenvolver habilidades socioemocionais, combater preconceitos e valorizar a diversidade de talentos e de pontos de vista. Por meio da promoção de vivências adaptadas a distintas realidades, a Metodologia ABC oferece um espaço em que as pessoas que dele participam podem, em primeiro lugar, se conhecer. Isso porque as dinâmicas propostas viabilizam interações verbais e não verbais, provocando contatos visuais e permitindo que os participantes possam empatizar com as histórias e pontos de vista uns dos outros, falem sem medo de errar e ouçam com atenção as respostas dos demais. Em outras palavras, cria-se um contexto participativo e democrático, no qual cada pessoa é importante.

Figura 9 - Foto registrada em 2023, durante aplicação da Metodologia ABC na EMEF Pedro Américo, na Freguesia do Ó, em São Paulo (SP).



Créditos: Mônica/Gondwana F&C.

Cabe mencionar que educadoras e educadores que atuam nas instituições em que a Metodologia ABC é aplicada também participam das atividades propostas. A ideia é gerar, neles, um sentido de pertencimento com o que está sendo criado e tornar a prática pedagógica uma brincadeira também para essas pessoas – contexto no qual reviver os aprendizados obtidos quando criança se mostra fundamental para que não haja a perda das memórias corporal, social e cognitiva.

Inclusive, o depoimento que Michel Macedo, na época professor de Linguagens do Senac Lapa Scipião, ofereceu a Gondwana F&C acerca do documentário *Gondwana, A Bola Conecta* e da Metodologia ABC como todo ajuda a lançar luz sobre a percepção dos educadores em relação a esses temas:

Embora curto, o documentário é muito amplo nas reflexões e questionamentos a que se propõe. Cativa a atenção dos/as adolescentes e leva-os/as a (re)pensar sobre o que a bola ou um registro fotográfico têm de relevância em suas vidas. A animação, a disponibilidade e o comprometimento que Mônica e Sebá têm é um capítulo à parte também. São extremamente cuidadosos no trato com os diferentes recursos que oferecem para que os/as estudantes tenham contato e, de fato, o que foi feito na teoria também tenha um momento prático. Na atividade desenvolvida no Senac, tivemos cerca de duas horas de atividade e a sensação foi de termos passado alguns minutos juntos somente, de tão entretidos e imersos que ficamos durante a realização da proposta (depoimento de Michel Macedo, 2022, professor de Linguagens do Senac Lapa Scipião).

Figura 10 - Foto registrada em 2022, durante aplicação da Metodologia ABC com Michel Macedo, professor de Linguagens do Senac Lapa Scípião, em São Paulo/SP.



Créditos: Mônica/Gondwana F&C.

ABC DO ALFABETO E ABC DE AUDIOVISUAL, BOLA E CÂMERA

Esta seção do texto será destinada a examinar cada letra que compõe o ABC da Metodologia ABC.

A ideia para o **A, correspondente a Audiovisual**, surgiu a partir da realização do documentário *Gondwana, A Bola Conecta* (2021), dirigido, conforme já mencionado, por Mônica Saraiva. A equipe responsável por realizar essa obra analisou, em situações cotidianas, como se expressa a influência africana no Brasil, examinando manifestações populares, o futebol, a gastronomia, a história, a geologia e demais práticas corporais, como capoeira, danças e batucadas, além do aspecto linguístico do português brasileiro. Marina de Mello e Souza (2012, p. 29), inclusive, menciona alguns exemplos de palavras de origem africana usadas no português do Brasil: angu, berimbau, canjica, forró, ginga, moleque, samba, xaxado, xodó, entre tantas outras.

Por sua vez, Vensam Iala, professor e ativista de Guiné Bissau (África), um dos entrevistados do documentário, compartilha, conforme demonstra o excerto a seguir, falas sobre as conexões do Brasil com o continente africano:

A cultura brasileira, de maneira geral, ela bebeu muito sobre aquilo que é a África, na sua essência, do seu povo, seus ritos, seus mitos, sua gastronomia... A África é um continente com mais de 50 países e povos diferentes (Iala, 2021).

Figura 11 - Mônica entrevistando Vensam Iala durante as gravações do documentário *Gondwana, A Bola Conecta*, em 2021, em São Paulo (SP).



Créditos: Cristiano Fukuyama.

Além disso, a equipe Gondwana F&C abordou, em rodas de diálogos, o racismo estrutural e maneiras pelas quais, por meio do conhecimento acerca de nossa cultura e história, é possível prevenir a ocorrência dessa discriminação sistemática e, assim, construir uma sociedade pluralista, respeitosa dos Direitos Humanos e que garanta espaços de participação a todas as pessoas.

Hoje, o documentário *Gondwana, A Bola Conecta* contribui para tal construção de sociedade se firmando como uma ação afirmativa de prevenção ao racismo e também como uma forma de apoiar a aplicação da Lei nº 10.639/2003. Esse dispositivo legal alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para incluir, no currículo oficial da Rede de Ensino, a obrigatoriedade do ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dar outras providências⁶.

⁶ Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

Figura 12 - Colagem elaborada pela artista Shirley Espejo para o cartaz do documentário *Gondwana, A Bola Conecta* com aportes do designer Wallace Paulo e de Mônica e Sebastián.



Créditos: Gondwana F&C.

A professora Antonia Quintão, em depoimento dado aos autores em 2022, descreve *Gondwana, A Bola Conecta* da seguinte maneira:

Excelente documentário! Educativo, comovente e muito leve! Neste momento, em que estamos observando com enorme preocupação, o aumento de manifestações racistas em diversas áreas, inclusive no futebol, este documentário chega como uma resposta contundente, firme e íntegra, demonstrando que o futebol também pode promover a educação, reforçar o respeito à diversidade e contribuir para aprofundar o conhecimento sobre a própria identidade, enfrentando assim o racismo, a intolerância e a xenofobia. Quero também destacar a escolha do título: “Gondwana, A Bola Conecta”. Foi perfeita e coerente com o conteúdo apresentado, pois sabemos que, de fato, a bola conecta o brasileiro com um de seus esportes preferidos, conecta o Brasil com a África e conecta o Brasil com o próprio Brasil, com a sua identidade, sua cultura e sua história. Parabéns aos realizadores!!! (Antonia Quintão⁷)

⁷ Pós-doutoranda na Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP), pesquisadora na University of Minnesota, nos Estados Unidos, docente na Universidade Presbiteriana Mackenzie, Presidenta do Geledés Instituto da Mulher Negra e Vice-Presidenta do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP).

O documentário *Gondwana, A Bola Conecta* tem 23 minutos; o objetivo era, desde o primeiro momento, levar o filme para o ambiente educacional. Como já mencionado anteriormente, foi gravado em 2020, por lugares da Bahia (Pelourinho, Barra, Candeal, Rio Vermelho e Ribeira), Pernambuco (Olinda, Recife e Lagoa do Carro) e São Paulo (capital).

Antes de prosseguirmos, cabe citar um breve contexto histórico do Audiovisual, que surgiu em 1895, pelas mãos dos irmãos franceses August e Louis Lumière. Eles inventaram o cinematógrafo, aparelho que permitia a projeção de imagens em uma tela ou parede. Essa invenção logo chegou ao Brasil, com sua primeira sessão no país ocorrendo em 1896, na cidade do Rio de Janeiro (Souza, 2007, p. 20). Tal sessão contou com a exibição de pequenos filmes que mostravam imagens de cidades da Europa. O evento foi reservado para pessoas da elite, uma vez que esse tipo de exibição era cara. O Brasil estava, então, a oito anos do decreto do fim da escravidão, que durou 388 anos neste país. Conforme atesta Ariel de Bigault:

Quando D. Pedro, herdeiro da coroa portuguesa e rei do Brasil, proclama a independência, em 1822, dois terços dos brasileiros são afro-descendentes, na sua maioria alforriados e livres. No entanto, durante décadas, o cinema oculta esse passado fundador, o cinema apaga a escravidão (Bigault, 2021).

Nesse sentido, tais assuntos sobre o cinema, a escravidão e os afro-descendentes se conectam com a história que a equipe Gondwana F&C conta no documentário *Gondwana, A Bola Conecta*. A narrativa, vinculada também ao futebol, mostra que esse passado serve para entender questões do presente e fazer diferente no futuro. Uma linha de raciocínio que tange essas questões pode ser observada no depoimento da aluna Marina, de 16 anos:

Uma coisa que eu acho importante falar também é que o futebol faz parte da nossa cultura; e, ao menos, a gente sequer pensou em se perguntar da onde ele veio, e vocês trouxeram isso para a gente. Uma coisa tão simples, tão no nosso dia a dia, e não sabemos de onde vem essa história. E a gente entende que tem várias palavras no futebol que vêm de matriz africana e vai trazer a nossa alma para jogar ali dentro. Eu acho importante a gente ter essa noção. Na Copa, o torcedor brasileiro toca. Senegal com todos os tambores tocando, eu achei o máximo. Então, são nesses momentos que a gente percebe semelhanças e diferenças entre outros países (Marina, 16 anos, aluna do Senac Lapa Scipião, em 2022).

Alguns dos benefícios que podem ser destacados no que diz respeito aos recursos audiovisuais têm a ver com métodos complementares de aprendizado inerentes a tais recursos. Esses métodos se dão por meio: de estímulos visuais e sonoros; do incentivo à criatividade, trazendo narrativas capazes de engajar um segmento que usa dispositivos de forma nativa; do processo de conhecer culturas; da discussão de processos sociais de conscientização; e do desenvolvimento das habilidades de entender e argumentar. Não obstante, vale destacar que o uso do Audiovisual no processo de aprendizagem infantil pode ajudar a encorajar crianças de distintas idades e etapas da vida a “fazer acontecer” com os recursos que elas têm à sua disposição, dando-lhes a ideia de que tal “fazer acontecer” é possível. Nesse sentido, Glauber Resende Domingues, doutor e mestre em Educação pela UFRJ, fornece uma importante reflexão:

Ao começar a cursar a disciplina Psicologia da Educação, algo de diferente me fez vir para as aulas com mais animação: a presença marcante de filmes (...) Os filmes permitiram que eu descobrisse um novo modo de ver o mundo: pelas lentes da câmera, uma verdadeira experiência muda coletiva. Uma experiência do mundo que estava lá fora, mas, ao mesmo tempo, do mundo interior, que a experiência do cinema permite como vivência íntima, pessoal (Domingues, 2013, p. 13).

Figura 13 - Matéria no jornal União da Paraíba, escrita por Guilherme Cabral, sobre a viagem de Gondwana F&C por lugares da região, em 2022. Essa imagem foi registrada durante atividade no Quilombo Ipiranga, no município do Conde, João Pessoa (PB).



Créditos: Mônica Saraiva/Gondwana F&C.

Com o advento das câmeras de celulares e *smartphones*, a possibilidade de se fazer cinema passou a ficar na palma da mão das pessoas. Produções antes apenas imaginadas se tornaram realidade e podem ser compartilhadas em rede. Esse cenário é abordado em uma publicação de 2013 da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), chamada de “Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel”:

O uso de tecnologias móveis, isoladamente ou em combinação com outras tecnologias de informação e comunicação (TIC), a fim de permitir a aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar. A aprendizagem pode ocorrer de várias formas: as pessoas podem usar aparelhos móveis para acessar recursos educacionais, conectar-se a outras pessoas ou criar conteúdos, dentro ou fora da sala de aula (UNESCO, 2013, p. 8).

Mais especificamente em relação ao Brasil, o amplo acesso da população aos aparelhos de celular foi documentado na pesquisa “PNAD Contínua: Acesso à internet e à televisão e posse de celular 2022”, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): “o celular para uso pessoal está presente na vida de 160,4 milhões de brasileiros com 10 anos ou mais”.

Partindo para a análise da próxima letra da Metodologia ABC, chega-se ao **B, correspondente a Bola**.

A Bola existe desde tempos imemoriais. Diversas civilizações ancestrais já tinham o hábito de conduzir e chutar uma bola em diferentes contextos lúdicos, rituais ou culturais, cada qual com as suas particularidades, conforme conta o professor Rubim Santos Leão de Aquino, em sua obra *Futebol. Uma paixão nacional* (2002):

Historiadores e arqueólogos apontam que no Egito e na Babilônia já se praticava algo semelhante ao futebol. Na China, há cerca de 2.300 anos, jogava-se o tsutchu, que significa “golpe na bola com o pé”. Baixos relevos da dinastia Han (202 a.C. - 226 d.C.) e Ming (1368 - 1644) mostram três modalidades de tsutchu: malabarismos com a bola, competição entre equipes para lançar a pelota sobre uma rede e arremesso da bola em algo parecido com gols. O inventor do tsutchu, Yang-Tsé, pertencia à guarda do imperador Huang-Ti. [...]

Na América do Sul, os Mapuches jogavam pirimatum e os Tehuelches, tchoekah. Na América Central, em Copán, os Maias disputavam o pok-tai-pok, com bolas de borracha maciça (Aquino, 2002, p. 11-14).

Já em relação ao contexto brasileiro, o futebol poderia muito bem ter sido conhecido por outro nome que não a “tradução” da palavra *football*, do inglês – ou mesmo ter sido ou ser jogado de outra maneira que não fosse

de acordo com a origem britânica desse esporte. Fato é que, no Brasil, há jogo com bola há mais de 100 anos, e é conhecida a frase popular que diz: “aprendi a chutar desde a barriga da minha mãe”.

Assim, o objetivo da Metodologia ABC é aproveitar o conhecimento sobre a bola para criar um contexto de aprendizagem no qual as pessoas possam se inserir natural e espontaneamente.

Não obstante, se faz necessário analisar o futebol brasileiro também pela ótica do racismo presente na sociedade deste país como um todo. Aquino (2002), novamente, serve como fonte para ilustrar esse contexto:

O futebol no Brasil era (ainda é) elitista e racista, gerido por homens brancos, excluindo negros, mestiços e pobres dentro dos espaços de decisão. Arthur Friedenreich, um mulato-claro, foi o primeiro grande ídolo do futebol brasileiro. Graças aos atletas negros e mulatos, o jogador brasileiro desenvolveu maior individualidade e técnica. Domingos da Guia destacou a influência do samba no drible curto. [...]

Apesar da inclusão de negros e mulatos nos clubes, o racismo persistiu. A derrota na Copa do Mundo de 1950 foi atribuída ao desequilíbrio emocional dos jogadores negros. No século XXI, o racismo ainda existe nos campos de futebol. O “embranquecimento” de negros, como Robson da Silva, evidencia a discriminação (Aquino, 2002, p. 31-44).

Tal cenário de preconceitos impacta não somente os atletas negros no futebol, mas também as mulheres e minorias presentes nesse esporte. Todos esses grupos atravessam desafios contínuos em uma sociedade colonialista, racista, patriarcal e excludente.

No tocante à presença feminina no futebol, pesquisas mostram que mulheres jogavam bola há muito tempo no Brasil, mas, em 1941, elas foram proibidas, por lei, de praticar o futebol. A reportagem “Futebol feminino já foi proibido no Brasil, e CPI pediu legalização”, de autoria do repórter Ricardo Westin, do Portal Senado Notícias, publicada em tal portal em 2023 e no 9º volume da coleção *Arquivo S – O Senado na história do Brasil* em 2024, conta:

Por mais de 40 anos, as brasileiras foram proibidas de jogar futebol. O veto começou em 1941, na ditadura do Estado Novo (1937-1945), quando o presidente Getúlio Vargas assinou um decreto-lei tirando das mulheres o direito de praticar esportes “incompatíveis com as condições de sua natureza”. A partir de então, foram frequentes os jogos femininos cancelados por ordem do Conselho Nacional de Desportos (CND), repartição subordinada ao Ministério da Educação. Houve até partidas encerradas à força pela polícia. As mulheres só voltaram a entrar em campo livremente no fim da ditadura militar (1964-1985). Em 1983, o CND considerou o futebol feminino aceitável e o regulamentou (Westin, 2023).

Figura 14 - Manchete do jornal *O Imparcial*, 15 de janeiro de 1941.

Créditos: Acervo/Museu do Futebol.

É essencial destacar reivindicações que foram históricas no sentido de preservar as conquistas de justiça social e de direitos das mulheres, incluindo o direito de brincar e de decidir sobre o próprio corpo. A autora e ativista Lélia Gonzalez, numa entrevista publicada em *Auê: Jornal de Sexualidade*, em 1981, assim se refere à sua luta feminista, ajudando a lançar luz sobre esse debate:

A: Como começou a conscientização da sua luta feminista?
L.G.: Através do casamento. Sou negra e casei com um homem branco. A mulher negra sofre uma discriminação tríplice: social, racial e sexual. A questão racial está ligada diretamente ao feminismo, e a mulher negra é o setor mais oprimido da sociedade. Basta lembrar que a distância salarial entre brancos e negros é maior do que entre homens e mulheres. Quando, em anúncios de jornais, surgem expressões tais como “boa aparência”, o significado é que não se apresentem candidatas negras.
A: Qual a importância que você vê em toda essa luta?
L.G: A militância é importante para despertar a conscientização e permitir a crítica. (Gonzalez; Rios, F.; Lima M. (org.), p. 277, 2020).

Na escola, é necessário abordar esses temas com responsabilidade – discutindo também o colonialismo, para ajudar a promover uma sociedade mais justa e consciente.

Assim, o constante exercício de refletir sobre a reprodução histórica das injustiças sociais conecta as pessoas com narrativas que lhes permitem identificar seu entorno e tomar consciência para romper com os padrões historicamente estabelecidos. Nesse cenário, possibilitar o acesso ao conhecimento também inclui práticas corporais, dentro de um contexto de aprendizagem intencionado. Vivências com a bola são também

práticas corporais, e o corpo sabe coisas que a razão desconhece. Nesse sentido, participantes dessas vivências com a bola experimentam liberdade, equilíbrio, concentração e oportunidades de tomada de decisões por meio de seu corpo. O uso do jogo com bola facilita o desenvolvimento de metodologias de ensino-treino-aprendizagem, nas quais o treino e o erro são parte do processo. Essas experiências, por sua vez, podem ser transferidas para diferentes espaços de participação social. Cabe destacar que o processo dialógico entre estudantes e facilitadores cria valor social e aprendizagem significativa.

Assim, a Bola entra no jogo da Metodologia ABC para mostrar, na prática, que é possível gerar experiências importantes por meio do trabalho com esse instrumento do esporte.

Falando em prática, será abordado, agora, como se dá a parte prática da Bola com estudantes e facilitadores.

Após uma roda de diálogo, faz-se um convite para que os participantes da atividade saiam de suas cadeiras. Eles são encorajados, então, a ter uma posição e uma atitude corporalmente ativas, para que, em seguida, recebam um desafio: fazer um mínimo de três movimentos de futebol *freestyle* – equilibrar a bola com o joelho, com a cabeça e/ou com a dorsal, além de fazer embaixadinhas com a planta do pé, são alguns dos exercícios para treinar. O foco proposto é, principalmente, desenvolver a consciência de respirar, equilibrar mente e corpo, treinar para desenvolver uma habilidade, estimular a autoconfiança, perder o medo de errar, promover o contato visual, entre outros aspectos.

Figura 15 - Foto retratando a oficina de Sebastián com a bola dentro de sala de aula, na EMEF Pedro Américo, na Freguesia do Ó, em São Paulo (SP).



Créditos: Mônica Saraiva/Gondwana F&C.

Dentro da prática pedagógica da bola, o papel do facilitador é entender cada realidade corporal para provocar reflexões, diálogos e repetições conscientes. Cada pessoa tem uma identidade e uma personalidade na hora de se relacionar com os contextos sociais onde habita e, consequentemente, também com a bola.

Nas reflexões sociológicas sobre uma pedagogia de liberdade, o professor, acadêmico cientista político, escritor e ex-ministro da Cultura Francisco Weffort sugere que, nas rodas de diálogo dentro dos círculos de cultura, o coordenador é quase sempre um jovem, que sabe que não exerce as funções tradicionais de “professor”. Nesse sentido, Weffort acena que o diálogo é condição essencial da tarefa desse coordenador, ideia que Freire também referencia, explicando que a função do coordenador é justamente “a de coordenar, jamais influir ou impor” (Freire, 1967. p. 4).

Durante o momento em que o processo lúdico de ensino-treino-aprendizagem acontece, há pessoas ao redor dos participantes fotografando seus movimentos. Isso permite deixar eternizadas a experiência de sentir que é possível e a sensação de que o treino será fundamental para aperfeiçoar a habilidade.

A finalização de toda a dinâmica se dá com uma roda de conversa para que os participantes reflitam sobre a atividade e os principais aprendizados que, por meio dela, tenham sido gerados.

Finalmente, será analisada agora a última letra da Metodologia ABC, o **C, de Câmera**.

Para isso, cumpre, em um primeiro momento, traçar um breve contexto histórico da fotografia no Brasil – já que, sob uma perspectiva da História, a primeira modalidade de Câmera a existir foi justamente a câmera fotográfica.

A FOTOGRAFIA: DA ELITE PARA A DEMOCRATIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO

A câmera fotográfica chegou ao Brasil no século XIX como daguerreótipo (Leite, 2001, p. 94), considerado a primeira máquina fotográfica moderna. No País, ele foi apresentado em demonstrações no Rio de Janeiro, ocorridas em 1840 – período em que o Brasil ainda mantinha pessoas negras escravizadas. A partir daí, a técnica começou a se popularizar entre os brasileiros, especialmente na elite. Sobre esse contexto, o professor Marcelo Eduardo Leite explica:

O país vive o início do Segundo Império e a sociedade encontra-se dividida basicamente entre o aparato imperial, a aristocracia rural e a mão-de-obra escrava. Se, de um lado, observa-se uma estrutura agrária tradicional, que herdará da época colonial toda a estrutura socioeconómica, por outro, novos valores e modismos se difundem no país sobretudo através da elite que viaja frequentemente para o continente europeu (Leite, 2001, p. 94).

Ou seja: em 1840, o acesso à câmera fotográfica por parte de pessoas negras no Brasil era extremamente limitado e praticamente inexistente. Tanto por conta da estrutura social e econômica do país – que, nesse período, conforme mencionado, ainda vivia sob um sistema escravocrata, restringindo o acesso de pessoas negras a recursos financeiros e a qualquer forma de educação ou tecnologia – o que inclui a fotografia; como em decorrência do próprio racismo estrutural, que também lhes impedia acessar oportunidades disponíveis para a população branca da elite. Tal conjuntura é pintada por Djamilia Ribeiro (2019):

[...] ao passo que a pessoa negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e a distribuição de riquezas. É importante lembrar que, apesar de a constituição do Império de 1824 determinar que a educação era um direito de todos os cidadãos, a escola estava vetada para pessoas negras escravizadas (Ribeiro, 2019, p. 9).

Importante mencionar também que, nessa época, a população brasileira era inferior a 7 milhões de habitantes, sendo que, desse total, aproximadamente 2,5 milhões eram escravos (Leite, 2001).

Há registros de pessoas negras sendo fotografadas no período escravocrata, mas essas imagens eram encomendadas por seus proprietários ou patrões, e não por livre vontade. Era comum que as amas de leite fossem retratadas em fotos, posando ao lado das crianças brancas que amamentavam:

As amas apareciam sentadas com as crianças em seus colos ou imediatamente ao lado. Assim controlavam, com a intimidade que tinham diante de seus “pequenos senhores e senhoras”, qualquer trejeito dos pequenos. O importante é que ao fim e a cabo, a foto prendesse a atenção para seus modelos principais, e, sobretudo, transmitisse uma imagem positiva e harmoniosa da escravidão (Schwarcz, 2020).

Dando um salto temporal, surgiram então as câmeras de filme. Posteriormente, vieram as câmeras digitais – o que tornou a fotografia mais democrática. Os primeiros celulares com câmera no Brasil apareceram nos anos 2000, propiciando que os brasileiros, utilizando-se também do surgimento das redes sociais e de outras plataformas *on-line*, começassem a compartilhar suas histórias e olhares sobre o mundo. Inclusive, a aluna

Isabele, de 17 anos, do Senac Lapa Scipião, deu uma declaração que vai justamente nessa linha, durante aplicação da Metodologia ABC na instituição, em 2022: “A câmera pra mim é a forma como eu vejo o mundo. Memórias tanto na câmera em si, como no meu coração”.

Assim, de um passado escravocrata que usava imagens de pessoas negras escravizadas, hoje crianças e adolescentes afrodescendentes, de forma livre, invertem os papéis e são donas de seus próprios olhares fotográficos, com a câmera em suas mãos e com o poder de escolha: “eu quero fotografar” ou “eu quero ser fotografada ou fotografado”.

A doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP) Diana Mendes, em sua participação em *Gondwana, a Bola Conecta* (2021), faz uma reflexão sobre as formas de aprender a partir da observação e das práticas ancestrais: “Você mostra para as crianças e adolescentes que o presente delas está cheio de passado. Cheio da presença dos ancestrais e daquelas culturas corporais. Esse é o papel da educação, mostrar essa dimensão”.

Assim sendo, a fotografia também é uma forma de expressar respeito, uma vez que oportuniza olhar para o outro como um ser humano, que tem, dentro da sociedade, os mesmos direitos da pessoa que está fotografando.

Diante dessa análise histórica, é possível dizer que o ato de fotografar é libertador, em seus mais diversos ângulos; e também como, por meio dessa tecnologia social, é possível empoderar crianças e adolescentes afro-brasileiras sobre sua vida e história.

Figura 16 - Foto registrada na EMEF Pedro Américo, na Freguesia do Ó, em São Paulo (SP), durante oficina de fotografia proporcionada por Mônica na atividade “Por uma educação antirracista”, em 2023.



Créditos: Mônica Saraiva/Gondwana F&C.

Gondwana F&C mostra, na prática e de forma lúdica, os benefícios da Metodologia ABC, que conecta a bola, a câmera e o ato de fotografar. Dentro da sala de aula, enquanto alguns estudantes estão interagindo com a bola, os demais vão registrando e eternizando esses momentos. Ninguém fica de fora da atividade!

Figura 17 - Foto registrada no Senac Lapa Scipião, em Paulo (SP), durante a aplicação da Metodologia ABC dentro da sala de aula, em 2022.



Créditos: Mônica Saraiva/Gondwana F&C.

O objetivo da proposta é incentivar que, por meio da câmera de celular e/ou profissional, os estudantes observem detalhes ao seu redor e se empoderem de suas ideias. Eles são também estimulados a expressar sua criatividade com os cliques, a incorporar emoções e perspectivas de forma visual e a fazer análises das fotografias registradas, desenvolvendo habilidades de pensamento crítico, interpretando informações, identificando pontos de vista e compreendendo o contexto das imagens.

Figura 18 - Registro da exposição de fotos que Gondwana F&C realizou junto aos estudantes da EMEF Pedro Américo, na Freguesia do Ó, em São Paulo (SP). As fotografias foram registradas pelas alunas e pelos alunos da instituição durante aplicação da Metodologia ABC em 2023.



Créditos: Mônica Saraiva/Gondwana F&C.

Por fim, a fotografia pedagógica, segundo a fotógrafa Claudia Andujar, é uma abordagem educacional que reconhece o poder da imagem fotográfica como meio de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, promovendo a criatividade, a reflexão e a participação dos alunos no processo educacional. A criatividade é uma estrada sem fim.

DE VOLTA PARA A SALA DE AULA

Assim, para entender a realidade sobre os desafios enfrentados por estudantes, por educadoras e por educadores dentro das salas de aulas, Gondwana F&C proporciona dinâmicas que lhes permitem enxergar o quanto o Audiovisual, a Bola e a Câmera estão mais presentes em nossas vidas do que imaginamos. Cabe destacar que fomos perguntando aos estudantes sobre seus sonhos, e as respostas dadas pela maioria foram jogador(a) de futebol e *influencer*.

Estar diante do desafio de descobrir como usar as principais ferramentas de entretenimento em práticas pedagógicas inovadoras – as quais incluem motivações que vão além dos conteúdos do plano curricular –, permitiu que pesquisas e aprendizados sobre esse tema tomassem forma. Era hora de trazer uma proposta que também contribuísse, por meio da educação, com o enfrentamento dos seguintes desafios: a prevenção do racismo; a consideração das perspectivas de gênero; o combate ao sedentarismo; o uso ético e pedagógico de dispositivos móveis e novas tecnologias digitais. Outra contribuição da proposta, por fim, seria ajudar muitos dos jovens que sonham virar atletas ou influencers a descobrir outros caminhos.

CONSTRUINDO A CULTURA DE JOGO DENTRO DAS SALAS DE AULA

Cada pessoa é distinta, mas compartilha elementos comuns com as outras; o conjunto de todas elas forma um complexo tecido humano. Nesse contexto, o objetivo da Metodologia ABC é não só que cada parte sinta que contribuiu conforme suas possibilidades, seus interesses e suas capacidades, mas também entender que o desafio fundamental é promover contextos de aprendizagem nos quais haja comprometimento consciente com os propósitos individuais e coletivos.

Considerando esses objetivos, pode-se dizer que o futsal e o futebol *freestyle* (adaptação do *tsutchu*, mencionado anteriormente) oferecem uma perspectiva de vida em sociedade, guiando a tomada de decisões e valorizando o processo de ensino-treino-aprendizagem. Os conhecimentos adquiridos no futsal podem ser transferidos para a vida: jogar de cabeça erguida, confiar nos companheiros, lidar com a incerteza, tomar decisões rápidas e usar linguagens não verbais. O futsal nasceu na América Latina (Gomes; Costa, 2022), e existe um relativo consenso de que foi o professor uruguai Juan Carlos Ceriani quem codificou a modalidade esportiva com fins pedagógicos, democratizando o acesso a esse esporte nas escolas e fortalecendo processos formativos integrais. Sem medo de errar, é possível afirmar que o Brasil e América Latina têm mais quadras de futsal que de futebol, o que significa que o futsal está, então, ainda mais perto das camadas sociais populares em comparação ao futebol.

A estrutura do sistema curricular, às vezes, não permite que todas as pessoas possam ter as condições mínimas para um bom desenvolvimento humano. Nesse sentido, cabe mencionar que oferecer uma perspectiva que seja inovadora, lúdica, pedagógica e baseada no não enfrentamento pode contribuir para a elaboração de propostas educativas – não só dentro das salas de aula, mas também para a vida, em seus distintos momentos. A própria UNESCO, inclusive, investigou competências e habilidades que a educação deve buscar atender no século XXI, baseada na obra de Edgar

Morin (1999). Esse estímulo, então, para que tais habilidades e competências sejam desenvolvidas representa uma oportunidade coletiva de tomar consciência, entrar em quadra e facilitar o jogo.

Aqui entra um time de craques, líderes de pensamento em distintas épocas da história recente do Brasil. Eles foram e são responsáveis pelos processos de alfabetização, conscientização, de letramento racial, de desenvolvimento das perspectivas de gênero, de pensamento complexo, de reflexões sobre o meio ambiente sob a ótica ancestral, de pedagogia do futebol de rua, entre outros temas que interseccionam a proposta de usar, de forma intencional, as tecnologias sociais Audiovisual, Bola e Câmera para promover processos de ensino-treino-aprendizagem.

O time escalado foi escolhido para apresentar uma forma pedagógica de convergir as humanidades e o desenvolvimento das ciências sob uma perspectiva decolonial, crítica e criativa. Uma perspectiva que promova direitos e na qual cada pessoa faça parte de uma individualidade e também múltiplos contextos – com o objetivo de, ademais, evidenciar a importância de estimular o pensamento conforme a ótica da complexidade, utilizando a corporalidade para promover o desenvolvimento de habilidades para a vida.

Figura 19 - Ilustração feita pelos autores.



Créditos da arte: Gondwana F&C. Créditos das fotografias: Foto de Ailton Krenak: Garapa/Coletivo Multimídia. Foto de Antonieta de Barros: UFMG/Reprodução. Foto de Paulo Freire: Instituto Paulo Freire. Foto de Lélia Gonzalez: Divulgação/Projeto Lélia Gonzalez Vive. Foto de Djamila Ribeiro: Thiago Bruno. Foto de Edgar Morin: Lucas Seixas/Folhapress. Foto de João Batista Freire: Divulgação/Universidade do Futebol. Foto de Carolina Maria de Jesus: Audálio Dantas.

Imagine, então, um jogo de futsal em que cada jogadora e jogador traga para a quadra suas ideias e práticas, formando um verdadeiro “time dos sonhos da realidade” da educação popular.

Em quadra:

1. **Ailton Krenak** (Itabirinha de Mantena, Minas Gerais, 1953) defende o gol com a sabedoria ancestral indígena, lembrando-nos da importância de viver em harmonia com a natureza. Ele nos ensina que a sustentabilidade e o respeito às culturas originárias são fundamentais para um futuro justo (**Krenak, 2019**).
2. **Antonieta de Barros** (Florianópolis, Santa Catarina, 1901-1952) é a craque da educação, pioneira na luta pelo direito à educação para todas as pessoas, especialmente mulheres negras. Ela passa a bola com a sabedoria de quem sabe que a educação é a chave para a emancipação (**Dahse, 2001**).
3. **Paulo Freire** (Recife, Pernambuco, 1921-1997) é o capitão, sempre incentivando o diálogo e a conscientização. Ele dribla a opressão com sua pedagogia libertadora, mostrando que a educação é um ato político e de amor. Utiliza, dentro do campo, recursos para promover diálogos críticos, que permitem tomar consciência do contexto para entender o jogo, tomando decisões responsáveis com o coletivo (**Freire, 1967**).
4. **Djamila Ribeiro** (Santos, São Paulo, 1980) é a jogadora que conecta a defesa ao ataque, sempre atenta às dinâmicas do jogo e às necessidades do time. Com sua habilidade de interseccionar diferentes questões sociais, ela dribla o racismo e o patriarcado, criando oportunidades para que todas as jogadoras possam brilhar (**Ribeiro, 2019**).
5. **Lélia Gonzalez** (Belo Horizonte, Minas Gerais, 1935-1994) é uma atacante que não deixa passar nenhuma oportunidade de denunciar as injustiças sociais. Com sua visão afro-latino-americana, ela é inspiração para lutar contra todas as formas de opressão, para visibilizar a luta das mulheres negras e indígenas e para valorizar as raízes culturais (**Gonzalez. Rios; Lima (org.), 2020**).

No corpo técnico:

1. **Edgar Morin** (Paris, França, 1921) é o estrategista, trazendo a complexidade e a transdisciplinaridade para o jogo. Ele lembra que a educação deve integrar diferentes saberes e promover uma visão holística do mundo, de forma permanente.

Le cabrá a cada cual, desde el campo cotidiano de su quehacer, encontrar el modo de hacer jugar el pensamiento complejo para edificar una práctica compleja, más que para atarse a enunciados generales sobre la complejidad. El desafío de la complejidad es el de pensar complejamente como metodología de acción cotidiana, cualesquiera sea el campo en el que desempeñemos nuestro que hacer (Morin, 1990, p. 6).⁸

2. Carolina Maria de Jesus (Sacramento, Minas Gerais, 1914-1977) é a motivadora, com sua história de luta e resistência. Ela nos inspira a nunca desistir e a perceber que, mesmo diante das adversidades estruturalmente desenhadas para excluir, é possível utilizar a poesia, a música e as artes de maneira geral para promover a liberdade de expressão e visibilizar as reivindicações sociais históricas.

Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário (De Jesus, 1992, p. 169).

3. João Batista Freire (Santos, São Paulo, 1948) é o professor responsável por promover a integração do corpo nos processos de alfabetização coletiva, inserindo a filosofia da pedagogia do futebol de rua dentro das metodologias de ensino. Ele propõe o entendimento das expressões corporais, incorporando, às dinâmicas dos territórios, o chamado “sotaque corporal e intelectual”.

Assim, temos que admitir que a história de experiências de vida será fundamental para a organização motora e intelectual da criança. Uma história rica em experiências formará bases mais sólidas para a inteligência, para a afetividade ou para a sociabilidade da criança. Por outro lado, uma história pobre levaria a um comprometimento dessas estruturas [...] (Freire, 2011, p. 21).

Conectar teoria e prática precisa de movimento, organização, mobilização, cultura, generosidade e personalidade. Dentre outras virtudes que servem como recursos para distintos momentos da vida – seja dentro ou foras da quadra –, são esses citados os elementos-chave para enfrentar desafios, jogar fora da zona de conforto, provocar situações de contato visual e sinergia e aceitar o erro como parte do processo de construção do conhecimento e do diálogo em forma de aprendizagem coletiva.

8 Caberá a cada um, a partir do campo cotidiano de sua atividade, encontrar a maneira de aplicar o pensamento complexo para edificar uma prática complexa, mais do que se prender a enunciados gerais sobre a complexidade. O desafio da complexidade é pensar complexamente como metodologia de ação cotidiana, qualquer que seja o campo em que desempenhemos nossa atividade (tradução nossa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em colaboração com equipes de profissionais de Ciências da terra (Geologia), de Humanas e de Ciências Sociais, além de educadores de diversas outras áreas do conhecimento, a equipe Gondwana F&C está elaborando uma documentação interdisciplinar para ser distribuída e, assim, democratizar o acesso à implementação da Metodologia ABC. Isso é parte integrante de uma série de ações afirmativas que buscam desenvolver contribuições para a ciência e combater preconceitos e estereótipos, para que possamos coexistir globalmente de maneira pacífica, harmônica e em liberdade. É um modelo que se adapta à cultura de cada lugar.

Gondwana F&C é um projeto latino-americano de base científico-humanista que contribui para a promoção dos princípios da cultura de inovação por meio de casos reais, da adaptação a diversos cenários e de empreendimentos criativos e culturais, nos quais a experimentação corporal faz parte do processo de aprendizagem. Além disso, o projeto contempla uma expressão política de compromisso com o desenvolvimento sustentável da educação do Sul Global, ou dos países que politicamente representam o mapa do supercontinente Gondwana e a história dele. Tudo isso por intermédio de uma narrativa pertinente, com uma visão crítica de construção de mundo e do uso da arte e do esporte como uma ferramenta para desenvolver habilidades para encarar a vida.

Para que Gondwana F&C enfrente os vigentes processos de transformações sociais, tecnológicas e culturais, é fundamental ter chegado até aqui despertando a consciência sobre o desafio coletivo de nos tornarmos pessoas mais críticas (diante das estruturas, das injustiças, das narrativas), reflexivas, conscientes e participativas, capazes de saber em que lugar do campo nos cabe jogar nos diferentes contextos de nossas vidas.

Sobre isso, Krenak (2019) reflete: “Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. Isso talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser [...]” (Krenak, 2019, p. 30).

Os âmbitos de Audiovisual, Bola e Câmera têm contextos históricos originários similares não só nas situações de acesso, uso e exploração de cada um – mas também nas possibilidades de se transformarem, de meros elementos, em ferramentas de apropriação, facilitando o uso de práticas pedagógicas inovadoras que permitam criar contextos de aprendizagem voltados ao desenvolvimento de uma série de habilidades complementares às aprendizagens técnicas. Ver, dentro da escola, uma oportunidade para desenvolver consciência, pluralismo, identidade, cultura e organização é possível.

A magia está na simplicidade!

Figura 20 - Foto registrada na EMEF Pedro Américo, na Freguesia do Ó, em São Paulo (SP), em 2023.



Créditos: Michele Marins/EMEF Pedro Américo.

DADOS SOBRE GONDWANA FUTEBOL & CULTURA (F&C):

- Por meio da Metodologia ABC, o projeto Gondwana F&C esteve com mais de mil estudantes e 300 professoras(es), em 30 lugares e cinco países.
- Entre os espaços que têm recebido a proposta pedagógica estão: EMEF Pedro Américo, EMEF Monteiro Lobato, EMEF Nilo Peireira, Escola Móbile, Casa Criatura, Centro Educacional Unificado (CEU) Paz, Senac Lapa Scipião, Sesc Pompeia, Sesc Jundiaí, Sesc 24 de Maio, Sesc Pesquisa e Formação, Sesc Catanduva, Projeto Vida Corrida, Museu do Futebol, Museu das Favelas, Circo Social do Grajaú, Ação Educativa, Aparelha Luzia, base do Sport Clube do Recife, Nueva Escuela Culiprán (Chile), Projeto Desportivo Khan-deleno (Moçambique), Escola Profissional Almirante Reis (Lisboa), Masterclass na Universidade do Futebol, Jornada das Profissões do Conexão Favela etc.
- O documentário *Gondwana, A Bola Conecta* foi exibido em cinco festivais de cinema: CINEfoot, Ubuntu, Cinema Negro em Ação, Festival Ibero-americano de Cinema e Lisbon Sport Film Festival.
- O documentário Gondwana, A Bola Conecta foi exibido durante a 3^a temporada do Circuito Curto do canal UChileTV, transmitido em sinal aberto durante o ano de 2025.
- O documentário está registrado na Agência Nacional do Cinema (ANCINE) e legendado nos idiomas espanhol, francês, inglês e português pela Universidade de Antofagasta (Chile).

- As marcas Gondwana F&C®, A Bola Conecta® e Metodologia ABC® - Audiovisual, Bola, Câmera foram registradas no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI).
- A Metodologia ABC foi implementada com atletas líderes de 19 países da América Latina durante os IV Jogos Latino-americanos de Olimpíadas Especiais, que aconteceram em Assunção, no Paraguai, em 2024.
- Exibição do documentário, seguida de um bate-papo sobre as temáticas abordadas, com mais de 100 professoras no CEU Luiz Gama, em São Paulo (SP).
- Kely Nascimento (ativista, palestrante e filha de Pelé) é embaixadora do projeto Gondwana F&C.
- O time Gondwana F&C está roteirizando suas próximas produções, que passarão por outros estados brasileiros e por países da América do Sul e África. Além disso, Gondwana F&C está também produzindo um fotolivro.

Website: <https://www.gondwanafc.com/>

Gondwana, A Bola Conecta: <https://www.abolaconecta.com.br/>

Instagram: <https://instagram.com/gondwana.fc>

REFERÊNCIAS

- AQUINO, R. S. L. *Futebol. Uma paixão nacional.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BARROS, I. Representação do negro na fotografia desde o século 19 mostra preconceito da sociedade brasileira. *Diário de Pernambuco*, Recife, 19 nov. 2016. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/11/representacao-do-negro-na-fotografia-desde-o-seculo-19-mostra-preconce.html>. Acesso em: 23 maio 2024.
- BIGAULT, A. *O lugar do negro – A escravidão no cinema brasileiro.* Disponível em: <https://www.buala.org/pt/afroscreen/o-lugar-do-negro-a-escravidao-no-cinema-brasileiro>, 2021 . Acesso em: 5 jun. 2024.
- DIRETRIZES de políticas para a aprendizagem móvel. UNESCO: Paris, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227770>, 2014. Acesso em: 7 jun. de 2024.
- DOMINGUES, G. R. *Cinema na Escola: Aprender a construir o ponto de escuta.* Orientadora: Profª. Dra. Adriana Mabel Fresquet. 2013. 122 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://cinead.org/wp-content/uploads/2021/04/dGlaubereresende.pdf>. Acesso em: 22 maio 2024.

- FREIRE, J. B. *Pedagogia do Futebol*. Campinas: Autores Associados, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1967.
- GOMES, S. A.; COSTA, F. R. *Ciência do Futsal*: teoria, prática e interdisciplinaridade. Caixas do Sul: EDUCS, 2022.
- GONZALEZ, L. RIOS, F; LIMA, M (org.). *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.
- JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo*: Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1992.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LEITE, M. E. Fotografia e sociedade no Brasil Imperial: a heterogeneidade humana e social fixada pela fotografia (1840-1889). *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara* - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10337>. Acesso em: 25 maio de 2024.
- MAIS de 160 milhões de brasileiros têm celular para uso pessoal. *R7*, São Paulo, 9 nov. 2023. Disponível em: <https://noticias.r7.com/economia/mais-de-160-milhoes-de-brasileiros-tem-celular-para-uso-pessoal-09112023/>. Acesso em: 20 maio 2024.
- MATURANA, H.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento*. Campinas: Editorial PSY II, 1995.
- MORIN, E. *Introducción al Pensamiento Complejo*. Tradução: Marcelo Pakman. Barcelona: Editorial GEDISA, 1990.
- MORIN, E. *Los siete saberes necesarios para la educación del futuro*. Tradução: Mercedes Vallejo-Gómez. Paris: UNESCO, 1999.
- NUNES, K. L. D. *Antonietta de Barros, uma história*. Orientador: Prof. Dr. Élio Cantalício Serpa. 2001. 159 f. Dissertação (mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- RIBEIRO, D. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SCHWARCZ, L. Duas Mônica: nome e anonimato nas fotos de amas de leite brasileiras. *NEXO*, 9 mar. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/duas-monicas-nome-e-anonimato-nas-fotos-de-amas-de-leite-brasileiras>. Acesso em: 5 jun. 2024.
- SCHMITT, R.; SILVA, E. A. *A história do supercontinente Gondwana em três partes*. Superinteressante, 28 out. 2022. Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/deriva-continental/a-historia-do-supercontinente-gondwana-em-tres-partes>.
- SILVA, D. N. *Cinema brasileiro*. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/cultura/cinema-brasileiro.htm>. Acesso em: 1 jun. 2024.
- SOUZA, C. R. *Os pioneiros do cinema brasileiro*. *Revista ALCEU*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 20-37, jul./dez. 2007. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu_n15_Souza.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

SOUZA, M. *África e Brasil Africano*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2012.

WESTIN, Ricardo. *Futebol feminino já foi proibido no Brasil, e CPI pediu legalização*. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-cpi-pediu-legalizacao>. Acesso em: 5 jun. 2024.